

## Argumentação do Congresso da SoFHIA

### A floresta nos mundos iberos e ibero-americanos

Tal como os desertos e as zonas montanhosas (que por vezes são quase sinónimos, como no termo espanhol *monte(s)*), a floresta é uma parte do ermo devido à sua localização fora da ecúmena. É também um espaço (de) "solitário(s)" porque, devido à sua antropização difusa, é considerado desabitado e povoado apenas por árvores (a RAE define a selva da seguinte forma: "*1. Terreno extenso, inculto e muy poblado de árboles*") ou seres selvagens e/ou indomados, muitas vezes com impulsos primordiais.

Espécie de negativo do binómio cidade/campo, a floresta coloca como terceiro espaço a questão do limite, da orla e, portanto, das fronteiras geográficas, antropológicas, genéricas ou linguísticas. Questão importante nas produções literárias e artísticas nascidas e/ou herdadas da conquista do Novo Mundo, a natureza americana é atravessada por imaginários que moldaram as representações da floresta. O mesmo é válido para a Península Ibérica: fantasiada desde os romances de cavalaria ou *La selva sin amor* de Lope de Vega, povoada por criaturas míticas (como o *Basajaun* basco, a que D. Redondo dá vida na trilogia do Baztán, adaptada para o ecrã por F. González Molina) ou por opositores políticos que aí se refugiam (*Maquis* de A. Cervera, *Los girasoles ciegos* de A. Méndez e a sua transposição cinematográfica de J.L. Cuerda), a floresta pode tornar-se tão facilmente um *locus amoenus* e um espaço de resistência e introspecção, como um *locus eremus*; no limite da "barbárie", torna-se então um lugar de errância, ou mesmo de predação, como no romance gráfico *El otro mar* de A. Zapico, ou de crime (*As bestas* de R. Sorogoyen, *La noche de los girasoles* de J. Sánchez-Cabezudo). Oscilando constantemente entre estes dois pólos, dá origem, nas *novelas de la selva*, a obras onde o medo e o fascínio coexistem face a uma natureza indomada (*Macunaíma* de M. de Andrade; *La Vorágine* de J.E. Rivera).

Floresta americana por excelência, a Amazónia cedeu ao desejo europeu de utopia, que no seu tempo fez das profundezas da selva a muralha de um inatingível El Dorado, testemunhado tanto pelas crónicas de Pedrarias de Alместo como pelas reescritas subversivas da história colonial, decorrentes do Novo Romance Histórico (*Daimón* de A. Posse). Constantemente re-semantizada, a floresta tropical aparece nas produções literárias e artísticas contemporâneas como um obstáculo à extensão do progresso e um território a ser subjugado (*La cautiva* de E. Echevarría) ou como um poderoso símbolo da singularidade americana (*Los pasos perdidos* de A. Carpentier). Embora a visão da floresta permaneça em grande parte ocidental, a floresta amazónica é hoje também percebida como um espaço vivido (podemos pensar aqui na poesia ameríndia, com A. Varela Tafur ou A. Potiguara).

Face à devastação da exploração florestal e à crescente consciência da fragilidade dos ecossistemas naturais, assistimos nas últimas décadas a uma superação e deslocação de visões antagónicas, à luz da ecologia, bem como a uma forma de regresso à terra, que pode ser observada em Espanha (*El lenguaje de los bosques* de H. Larretxea), na América Hispânica (L. Sepúlveda) ou na Guiné Equatorial. O tempo presente é assim marcado pela emergência de um eco-artivismo proteano (do qual a obra poética e plástica de C. Vicuña, o romance *La bastarda* de T.M. Obono ou as publicações de obras sobre banda desenhada de não-ficção dedicadas ao ambiente, ecologia e ecossistemas são bons exemplos).

De uma perspectiva civilizacional ou eco-crítica, o tema da floresta permite-nos introduzir uma abordagem renovada das questões socioculturais e políticas que atravessam as nossas disciplinas. A floresta, nas suas diferentes declinações geo-culturais, constitui um dos objectos centrais das reflexões desenvolvidas desde os anos 90 pela história do ambiente. A floresta, a jungle (como proposto pelo artista W. Lam na sua famosa pintura epónima de 1943), a selva, são construções sociais, inseparáveis da relação com o mundo que o Ocidente construiu no decurso da sua expansão global. Desde a conquista da América, duas imagens coloniais, ainda hoje prevaletentes, têm-lhe sido associadas: a de um vasto armazém de formas naturais oferecidas para extracção e apropriação (S. Boumediene) e a de um espaço de selvajaria que ameaça a ordem simbólica, apelando assim à sua domesticação (M. Taussig). A criação de reservas em espaços despovoados e santuarizados, primeiro nos Estados Unidos (criação de Yellowstone em 1870) e depois em todo o continente, não implica necessariamente uma ruptura com este regime de representação: a fantasia de virgindade que ela própria convoca é a expressão de um "colonialismo verde" que produz simetricamente zonas de sacrifício - espaços inabitáveis - e espaços tornados virgens - espaços desabitados.

O tema da floresta também pode ser um ponto de entrada relevante para abordar a resistência e as lutas das comunidades subalternas que escolheram refugiar-se nas margens da floresta a fim de escaparem ao sistema de trabalho forçado e quebrarem os grilhões das estruturas de dominação social. Como P. Clastres demonstrou, a floresta tropical produziu, em todo o continente americano, formas de governo acéfalas. Dos territórios autónomos administrados por escravos fugitivos, às comunidades autónomas zapatistas em luta, a história moderna e contemporânea das florestas é também a história das múltiplas formas de resistência dos sujeitos subalternos.

Os mais recentes trabalhos em antropologia americana fornecem ferramentas analíticas relevantes para apreender a floresta como uma complexa teia relacional. Questionando a perspectiva naturalista e as suas implicações políticas, estes trabalhos mostram a pluralidade dos modos de relação com a natureza (P. Descola, E. Viveiros de Castro, D. Kopenawa, B. Albert). A antropologia amazónica, em particular, tem procurado realçar cosmologias que rejeitam, na sua relação concreta com o seu ambiente, a partilha da natureza e da cultura e apreendem o mundo dos seres florestais - humanos e não humanos, vivos e não vivos - como um continuum integralmente cultural e político. Como mostram os filmes *El abrazo de la serpiente* de C. Guerra ou *Selva trágica* de Y. Olaizola, as artes visuais exploram estes modos relacionais de percepção do mundo. Pois as florestas, como sugeriu o semiótico étnico E. Kohn, são também "boas de se pensar porque se pensam a si próprias".

Finalmente, de uma perspectiva linguística, podemos reconhecer imediatamente o enigma da floresta, que resiste a ser traduzido: selva, floresta, monte ou bosque dão-nos um vislumbre das nuances de uma realidade que é difícil apreender e nomear. J. B. Ntakirutimana e A. Kabano recordam que a ecolinguística é "uma disciplina linguística relativamente recente que considera as línguas como entidades vivas, indispensáveis para a vida e sobrevivência do ecossistema sócio-cultural universal". Particularmente presente na investigação linguística conduzida no Brasil (note-se a existência de uma revista intitulada *Ecolinguística. Revista brasileira de ecologia e linguagem*), a abordagem ecolinguística permitiria considerar a língua na sua ligação ao seu meio, de uma perspectiva descritiva ou mais prescritiva. Seria também

uma oportunidade para abordar as ligações entre língua e intimidade (falar de si próprio e do seu ambiente), entre língua e minorias, entre língua e zonas rurais e, assim, indirectamente, para reflectir sobre a língua como instrumento de grupos dominantes ou como arma de globalização ou individuação, de fechamento no seu meio. Esta reflexão poderia ser alargada aos discursos sobre o ambiente e sobre a defesa da biodiversidade. Ao abrir esta perspectiva a discursos polémicos e militantes ou qualquer outra forma de discurso, a reflexão poderia centrar-se em abordagens pragmáticas, sociolinguísticas e lexicológicas, no sentido lato do termo. Uma abordagem aplicada poderia também ser desenvolvida a partir destas reflexões sobre a linguagem, em particular abordando temas ligados ao desenvolvimento do turismo nas zonas rurais e florestais, a indústria florestal, a ecologia, o ambiente e soluções sustentáveis.

Em suma, como podemos dizer, transcrever, desenhar, filmar, cantar e imaginar a floresta? Quais são as características e modalidades de representação das florestas nos mundos de língua espanhola e portuguesa, com as suas ricas áreas de língua catalã, basca, galega, tupi-guarã e bantu? Propomos assim uma abordagem transdisciplinar das florestas, árvores, raízes, copa e outros elementos silvestres, entre a Península Ibérica e as Américas (de uma perspectiva transatlântica ou na relação norte/sul), entre o sentido literal e figurativo, entre Natureza e Cultura, entre Éden e Inferno, entre ecologia e desenvolvimento... e isto em (ou à margem de) várias disciplinas como literatura, linguística, civilização, história, artes, filosofia ou sociologia. (este ultimo paragrafo não aparece no texto francês)

### Bibliografia indicativa

- Aínsa Fernando, “El topos de la selva”, in *Del Topos al Logos. Propuestas de Geopoética*, Madrid, Iberoamericana, 2006, pp. 51-109.
- Alonso Carlos J., “Civilización y barbarie”, *Hispania*, vol. 72, nº2, 1989, pp. 256-283.
- Alvaredo Vega Óscar, “Danzas del bosque: la exploración de un espacio de fantasía”, *Revistas UCR*, Editorial Universidad de Costa Rica, 2019. <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/estudios/article/view/36268>
- Álvarez Cáccamo Celso, “Da biolinguística à ecolinguística: um câmbio de paradigma necessário”, *A Trabe de Ouro* 18 (1994), pp. 205-212.
- Antonucci Fausta, *El salvaje en la Comedia del Siglo de Oro. Historia de un tema de Lope a Calderón*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2005. URL : <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcdv1v7>
- Bachelard Gaston, *La Poétique de l'espace*, Paris, PUF, 1957.
- Baile López Edouard, Rovira-Collado José & Caraballo Laura, Introducción al dossier monográfico “Cambio climático, biodiversidad y ecología en el cómic”, *CuCo, Cuadernos De cómic* (17), 2021, pp. 7-12.
- Berque Augustin, “Le rural, le sauvage, l'urbain”, *Études rurales*, 2011/1, nº187, p. 51-52.
- Bertin-Elisabeth Cécile, “La forêt : un espace privilégié de la barbarie et de l'itinérance – Le cas de *Canaima*”, *Écosystèmes forestiers des Caraïbes*, Paris, Karthala, 2009, p. 523-546.
- Bonvalot Anne-Laure, “La guerra de los mundos en algunas ficciones del Antropoceno: Agonística ambiental y poéticas de la habitabilidad”, *Ecozon@*, vol. 8, nº1, 2017, pp. 98-112.

- Boumediene Samir, *La Colonisation du savoir. Une histoire des plantes médicinales du "Nouveau Monde" (1492-1750)*. Éditions des Mondes à faire, Vaulx-en-Velin, 2016.
- Chalvet, Martine, *Une histoire de la forêt*, Paris, Seuil, L'univers historique, 2011.
- Clastres Pierre, *La Société contre l'État*, Paris, Éditions de Minuit, 1974.
- Collot Michel, *La Pensée-paysage*, Arles, Actes Sud / Versailles, ENSP, 2011.
- Corvol Andrée, *L'Arbre en Occident*, Paris, Fayard, 2000.
- Coutrot Thomas, "Lula, le social et l'écologie", *Mouvements*, vol. 4, n°60, 2009, p. 138-144.  
<https://www.cairn.info/revue-mouvements-2009-4-page-138.htm>
- Crosby Alfred W., *The biological expansion of Europe, 900-1900*, Cambridge University Press, 1986.
- Cubero Salmerón José Ignacio, "Los paisajes de la selva", *Paisaje vivido, paisaje estudiado: miradas complementarias desde el cine, la literatura, el arte y la ciencia*, 2008, pp. 229-238.
- Dagicour Ombelyne, "Géopolitique de l'Amazonie", *Politique étrangère*, 2020/1 (Printemps), p. 135-146. URL :  
<https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2020-1-page-135.htm>
- Del Molino Sergio, *La España vacía*, Madrid, Alfaguara, 2016.
- Descola Philippe, *Par-delà nature et culture*, Paris, Gallimard, 2005.
- Escobar Arturo, *Sentipensar con la Tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*, Medellín, Ediciones Universidad Autónoma Latinoamericana, 2014.
- Ferreira de Castro, José Maria, *A selva*, 1930.
- Flys-Junquera Carmen & Marrero Henríquez José Manuel, *Ecocríticas: literatura y medio ambiente*, Madrid, Iberoamericana, 2010.
- Forte Diego L., "Ecolingüística y la nueva lucha de clases: contra la especie dominante", *Pensamiento al margen, Revista digital de ideas políticas*, n°12, 2020, pp. 90-102.
- Gardies André, *L'Espace au cinéma*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1993.
- Gumilla José (Père), *El Orinoco ilustrado, historia natural, civil y geográfica de este grande río y de sus caudalosas vertientes*, 1741.
- Honório do Couto Hildo, *Ecolingüística*, Universidade de Brasília. URL :  
[http://www.ecoling.unb.br/images/3\\_Ecolingustica.pdf](http://www.ecoling.unb.br/images/3_Ecolingustica.pdf)
- Humboldt Alexandre (von), *Viaje a las regiones equinociales del Nuevo Continente hacia 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 y 1804 por Alejandro de Humboldt y A. Bonpland* (1816), chapitres XXII, XXIII et XXIV).
- Kohn Eduardo, *Comment pensent les forêts : vers une anthropologie au-delà de l'humain*, Bruxelles, Zones Sensibles, 2017.
- Kopenawa Davi & Albret Bruce, *La Chute du ciel. Paroles d'un chaman yanomami*, Paris, Plon (Terres humaines), 2010.
- Laffont, Georges-Henry, Gautier Arlette, Martouzet Denis, Chamerois Gilles et Bernard Nicolas (dir.), *L'espace du Nouveau Monde, Mythologies et ancrages territoriaux*, PUR, Rennes, 2018.
- Le Tourneau François-Michel, "Le Brésil et ses Indiens : une réconciliation impossible ?", *ÉchoGéo*, juill-sept. 2017, n°41. URL : <https://journals.openedition.org>
- Legoff Jacques, "Le désert-forêt", *L'Imaginaire médiéval*, Paris, Gallimard, p. 59-75.
- León Hazera Lydia (de), *La novela de la selva hispanoamericana: Nacimiento, desarrollo y transformación, estudio estilístico*, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1971.

- López-Ríos Santiago, “Sobre el lobo y el bosque en la literatura castellana del siglo XV”, in Courcelles Dominique (de) (dir.), *Nature et paysage. L'émergence d'une nouvelle subjectivité à la Renaissance*, Paris, École Nationale des Chartes, 2006, p. 11-28.
- Melin Hélène, “Le dualisme nature/culture à l'épreuve du paysage. Regard sur l'industrie comme un élément du paysage naturel”, *Sociétés*, 2010/3, n°109, p. 11-24. URL : <https://www.cairn.info/revue-societes-2010-3-page-11.htm>
- Meyran Daniel (dir.), *La Représentation de l'espace hispano-américain : Los Pasos Perdidos de Alejo Carpentier et La Vorágine de José Eustasio Rivera*, Perpignan, Presses Universitaires de Perpignan (Marges), 2002.
- Ordóñez Díaz Leonardo, *Ríos que cantan, árboles que lloran: Imágenes de la selva en la narrativa hispanoamericana*, Universidad de Rosario/Universidad de los Andes, Bogotá, 2021.
- Ortega Ernesto, “La selva y el cine”, *Omnibus*, n°19, Año IV, febrero 2008. URL : <https://www.omni-bus.com/n19/cineselva.html>
- Resinger Hildegard, “Ecolingüística para la traducción”, in Pegenaute L., Decesaris J., Tricás M. & Bernal E. [eds.], *Actas del III Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación. La traducción del futuro: mediación lingüística y cultural en el siglo XXI. Barcelona 22-24 de marzo de 2007*, Barcelona, PPU, 2008, vol. n° 2, pp. 139-151. URL : [http://www.aiet.eu/pubs/actas/III/AIETI\\_3\\_HR\\_Ecolinguistica.pdf](http://www.aiet.eu/pubs/actas/III/AIETI_3_HR_Ecolinguistica.pdf)
- Rostain Stéphen, *La Forêt vierge d'Amazonie n'existe pas*, Paris, Le Pommier, 2021.
- Ruiz-Valdepeñas Henar Pascual & Guerra Velasco Juan Carlos, “Civilizando la selva: capital, espacio y negocio forestal en la antigua Guinea continental española, c. 1926-1936”, *Historia agraria*, n°72, agosto 2017, pp. 135-166.
- Sarmiento Domingo Faustino, *Civilización y barbarie* (1845).
- Sebastián Amarilla José María & Uriarte Ayo Rafael (eds.), *Historia y economía del bosque en la Europa del Sur (siglos XVIII-XX)*, Prensas Universitarias de Zaragoza, Seminario de Historia Rural, 2003.
- Sempértegui Andrea, “La selva viviente como selva política: prácticas de hacer-selva en la lucha de las Mujeres Amazónicas en Ecuador”, *Antropologías Del Sur*, 9/17, 2022, pp. 147-167. URL : <https://doi.org/10.25074/rantros.v9i17.2150>
- Taussig Michael, *Shamanism, Colonialism, and the Wild Man: A Study in Terror and Healing*, Chicago, University of Chicago Press, 1991.
- Touam Bona Dénèm, *Sagesse des lianes*, Paris, Post-éditions, 2021.
- Unigarro Caguasango Daniel Esteban, *Los límites de la triple frontera amazónica: encuentros y desencuentros entre Brasil, Colombia y Perú*, Universidad Nacional de Colombia, 2017.
- Vargas Pizarro Maureen, *Danzas del bosque*, San José, Editorial Costa Rica, 2014.
- Vidalou Jean-Baptiste, *Êtres forêts. Habiter des territoires en lutte*, Paris, Zones, 2017.
- Viveiros de Castro Eduardo, *Métaphysiques cannibales, Lignes d'anthropologie post-structurale*, Paris, PUF, Paris, 2009.
- Westphal Bertrand, *La Géocritique mode d'emploi*, Limoges, Presses Universitaires de Limoges (Espaces Humains), 2000.
- Yáñez Velasco Marcos, *El bosque literario. Genealogía de un paisaje simbólico*, tesis doctoral Universitat Pompeu Fabra, 2018.

Zimmermann Klaus, “La construcción ecolingüística del contacto de lenguas (español y lenguas amerindias”, *Variación lingüística y contacto de lenguas en el mundo hispánico*, Vervuert Verlagsgesellschaft, 2019. URL : <https://doi.org/10.31819/9783865279095-016>

O congresso realizar-se-á nos dias 5, 6, 7 e 8 de junho de 2023 na Universidade de Limoges. As propostas de comunicação (títulos e resumos) devem ser enviadas para o endereço seguinte [congres-shf-24@unilim.fr](mailto:congres-shf-24@unilim.fr) até 15 de setembro de 2023. Devem ser acompanhadas por uma nota biobibliográfica de 5, 6 linhas (nome, afiliação universitária e/ou científica, eixos de investigação e publicações mais relevantes).

Todas as propostas receberão uma resposta até final de novembro de 2023.

Comitê de organização: Cécile Bertin-Elisabeth, Diane Bracco, Philippe Colin, Aurore Ducellier, Thomas Faye, Sonia Fournet-Pérot, Gladys Gonzalez et Marie-Caroline Leroux.